



SOCIOLOGIA DA CULTURA
Dra. Sônia Maria de Vargas

UMA VISÃO PSICANALÍTICA DA CULTURA

por

CARLOS JOSÉ MOEBUS – 03209954 –
carlos.moebus@ucp.br

Janeiro de 2004.

ÍNDICE:

- INTRODUÇÃO	03
- A CULTURA	03
- A PSICANÁLISE	04
- A VISÃO PSICANALÍTICA DA CULTURA	08
- CONCLUSÃO	11
- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	13

INTRODUÇÃO:

Buscaremos nesse trabalho mostrar a visão da psicanálise sobre a cultura pelo viés de sua instauração. Tendo em vista que a psicanálise trata a formação da cultura como um processo de sublimação, podemos tentar estabelecer um paralelo entre a “maturação” pessoal e a social. Esse era um exercício comum de Sigmund Freud, no sentido de testar suas teorias em campos distintos do saber.

Não sendo viável um estudo completo envolvendo todos os temas abordados pela psicanálise em relação ao tema cultura – a que Freud era particularmente afeito, precisamos optar por uma breve visão de como seu estabelecimento é encarado pela teoria psicanalítica.

Esse trabalho busca evidenciar a aproximação da psicologia em sua vertente de psicanálise, com o material trabalhado na disciplina sociologia da cultura.

A CULTURA:

A seguinte definição de cultura (entre tantas outras possíveis) nos é apresentada por Raymond Williams, e foi trabalhada no decorrer da disciplina sociologia da cultura.

O Termo cultura no início do seu uso, aplicava-se somente a questão do cultivo (alimentos, criação,...), passando em fins do século XVIII a ser vista como “*modo de vida global*” de determinado povo” chegando a um significado plural (Herder) para que se fosse possível fazer a diferenciação de qualquer sentido mais restrito, que pudesse reduzir sua real importância e relevância.

A análise dos grupos sociais passa a ter uma dimensão parcial além da dimensão global que já era utilizada. Passa a verificar aspectos antes relegados, como características particulares e específicas de cada grupo, identificando assim sub-grupos dentro de grupos mais amplos.

Em paralelo, o “sentido de cultura como cultivo ativo da mente” teve enorme desenvolvimento, gerando uma grande gama de significados, tais como:

- Estado mental desenvolvido – que caracteriza a pessoa como culta, pessoa de cultura; ressaltando suas habilidades intelectuais;
- Processo de desenvolvimento – que diagnosticava a forma de aquisição desta cultura através de atividades e interesses;
- Sentido geral – onde se continuava a tratar a cultura de forma geral e ampla, coexistindo com o uso antropológico e sociológico.

Devido à dificuldade de definição do termo pode-se destacar duas formas de convergência:

- a) ênfase no espírito formador e
- b) ênfase em uma ordem social global.

Dentro desta perspectiva podemos entender o espírito formador como as atividades culturais específicas que vão estar inseridas em um campo maior de investigação que nos remete a ordem social global, mais ampla e que pode conter os sub-grupos em função de seu desenvolvimento.

Classifica-se, ainda, estas formas de convergência como idealista – dentro do aspecto do espírito formador de um modo de vida global – e, materialista – que se refere a atividades primárias onde se estuda o *“caráter conhecido ou verificável de uma ordem social global”* (pág. 12).

Esta divisão se mantém até os dias atuais, porém com a incursão de um novo parâmetro: um novo estilo de convergência onde a concepção idealista e materialista muitas vezes se confundem e se completam.

A PSICANÁLISE

A psicanálise tem por objetivo fornecer tratamento para os indivíduos portadores de distúrbios emocionais. Em finalidade, objeto de estudo e métodos, a psicanálise divergiu desde o começo da corrente principal do pensamento psicológico da época em que foi fundada. O seu objeto de estudo é o comportamento anormal, o qual foi relativamente negligenciado pelas outras escolas de Psicologia - já que buscavam definir e estudar o comportamento normal.

Outra divergência entre a psicanálise e as demais correntes psicológicas foi em relação ao seu método de trabalho, a observação clínica, utilizada no lugar da observação controlada em laboratório (que era o procedimento em voga no início do século). Este método de trabalho também demorou algum tempo até ser considerado válido pelos psicólogos.

Freud foi um escritor prolífico, que nos deixou uma extensa obra, que vai de 1886 até 1939, quando morreu, sua teoria se multiplicou através de seus inúmeros colaboradores, amigos e "discípulos". Freud tinha o sonho de que a sua teoria poderia ser aplicada a quase todos os campos do saber a que se quisesse analisar, assim temos vários artigos relacionando a psicanálise desde o seu campo mais específico (o sofrimento humano), até a arte e a mitologia, até por isso nos foi possível tentar o presente estudo.

Um dos conceitos principais da psicanálise é o das fases psicosssexuais do desenvolvimento infantil. À medida que um bebê se transforma numa criança, uma criança em adolescente e um adolescente em adulto, ocorrem mudanças marcantes no que é desejado e em como estes desejos são satisfeitos. As modificações nas formas de gratificação e as áreas físicas de gratificação são os elementos básicos na descrição de Freud das fases de desenvolvimento.

Freud usa o termo *fixação* para descrever o que ocorre quando uma pessoa não progride normalmente de uma fase para outra, mas permanece muito envolvida numa fase particular. Uma pessoa fixada numa determinada fase preferirá satisfazer suas necessidades de forma mais simples ou infantil, ao invés dos modos mais adultos que resultariam de um desenvolvimento normal.

Quando há um problema marcante em determinado momento da vida de uma pessoa (o chamado *trauma*), esta pode como defesa optar inconscientemente por voltar a uma fase do seu desenvolvimento, anterior ao do surgimento do trauma, e tentar, a partir desse estágio mais seguro (pois já havia sido superado com sucesso), acumular forças para a superação do problema sofrido.¹

Outro conceito básico para Freud é o de Instinto. Instintos são pressões que dirigem um organismo para fins particulares. Quando Freud usa o termo, ele não se refere aos "complexos padrões de comportamentos herdados dos

¹ Esse tipo de situação ocorre por exemplo, quando do nascimento de uma criança nova na família, e um dos filhos mais velhos, volta a apresentar enurese noturna, ou outros comportamentos que já havia abandonado.

animais inferiores", mas seus equivalentes nas pessoas. Tais instintos são "a suprema causa de toda a atividade" (1940, livro 7, na ed. brasileira). Freud em geral se referia aos aspectos físicos dos instintos como "necessidades"; seus aspectos mentais podem ser denominados comumente como "desejos". Os instintos são as forças propulsoras que instigam as pessoas à ação. O termo mais correto para ser utilizado quando se refere à teoria psicanalítica é "pulsão", que é a pressão que o organismo sofre em direção à uma meta ou à saciação de uma necessidade, mas normalmente utiliza-se o termo instinto como padronizado pelos tradutores da obra.

No vocabulário de Psicanálise há uma distinção entre Pulsão e Instinto. Pulsão (em alemão *trieb*, em inglês *drive* ou *instinct*) refere-se ao "processo dinâmico que consiste numa pressão ou força (carga energética, fator de motricidade) que faz tender o organismo para um alvo". Instinto (em alemão *instinkt*, em inglês *instinct*) seria um "esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, que pouco varia de um indivíduo para outro, que se desenrola segundo uma seqüência temporal pouco suscetível de alterações, e que parece corresponder a uma finalidade" (La Planche e Pontalis, 1975).

Consideremos uma pessoa com sede. O corpo desidrata-se até o ponto em que precisa de mais líquido; a fonte é a necessidade crescente de líquidos. A medida que a necessidade torna-se maior, pode tornar-se consciente como "sede". Enquanto esta sede não for satisfeita, torna-se mais pronunciada; ao mesmo tempo em que aumenta a intensidade, também aumenta a pressão ou energia disponível para fazer algo no sentido de aliviar a sede. A finalidade é reduzir a tensão. O objeto não é simplesmente um líquido: leite, água ou cerveja, mas todo ato que busca reduzir a tensão. Isto pode incluir levantar-se, ir a um bar, escolher entre várias bebidas, preparar uma delas e bebê-la.

Enquanto as reações iniciais de busca podem ser instintivas, o ponto crítico a ser lembrado é que há a possibilidade de satisfazer o instinto plena ou parcialmente de várias maneiras. A capacidade de satisfazer necessidades nos animais é via de regra limitada por um padrão de comportamento estereotipado.

A partir dessas definições, evidencia-se a característica do ser em constante busca de uma homeostase, de um equilíbrio. O homem procura se livrar das "tensões" que vão interferir no livre correr de seu cotidiano.

Os instintos humanos apenas iniciam a necessidade da ação; eles nem predeterminam a ação particular, nem a forma como ela se completará. O número de soluções possíveis para um indivíduo é uma soma de sua necessidade biológica inicial, o "desejo" mental (que pode ou não ser consciente) e uma grande quantidade de idéias anteriores, hábitos e operações disponíveis.

Freud assume que o modelo comportamental normal e saudável tem a finalidade de reduzir a tensão a níveis previamente aceitáveis. Uma pessoa com uma necessidade qualquer continuará buscando atividades que possam reduzir esta tensão original.

O ciclo completo de comportamento que parte do repouso para a tensão e a atividade, e volta para o repouso, é denominado modelo de tensão-redução. As tensões são resolvidas pela volta do corpo ao nível de equilíbrio que existia antes da necessidade emergir.

Ao examinar um comportamento, um sonho, ou um evento mental, uma pessoa pode procurar as pulsões psicofísicas subjacentes que são satisfeitas por essa atividade. Se observarmos pessoas comendo, supomos que elas estão satisfazendo sua fome; se estão chorando, é provável que algo as perturbou. O trabalho analítico envolve a procura das causas dos pensamentos e comportamentos, de modo que se possa lidar de forma mais adequada com uma necessidade que está sendo imperfeitamente satisfeita por um pensamento ou comportamento particular.

Cada instinto tem uma fonte de energia em separado. A Libido (da palavra latina para "desejo" ou "anseio") é a energia aproveitável para os instintos da vida. Freud às vezes usa o termo como uma quantidade mensurável de energia. "Sua produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem propiciar-nos possibilidade de explicar os fenômenos psicosexuais observados" (1905a, livro 2, p. 113 na ed. bras.). A libido tem por característica a sua "mobilidade", a facilidade com que pode passar de uma área de atenção para outra. Quando há uma "fixação" da Libido surge a patologia.

A VISÃO PSICANALÍTICA DA CULTURA:

A psicanálise abordou o problema da cultura pelo viés da antropologia, ou seja, o estudo das origens da relação entre natureza e cultura ligados ao estudo das organizações familiares. Isso implica em dizer que as relações parentais estão intimamente ligadas à "pesquisa das origens e da análise da confluência de leis biológicas e de leis sociais na determinação final da "natureza humana" e de suas variáveis culturais". (Micela, 82) A análise do surgimento da cultura está relacionada ao surgimento da organização familiar.

Se recentemente, a teoria antropológica, postula que há uma raiz comum com sinais de universalidade e imutabilidade em certas características das culturas, Essa determinação verificou-se através da articulação entre o conceito de produção simbólica e a área da pesquisa referente ao inconsciente, ao desejo, as carências.

Se o Édipo é a estrutura intrínseca de toda organização social que, perpassando a materialidade das relações, revela sua íntima relação com o imaginário através das formações econômico-sociais singulares, e um elemento essencial à explicação da produção simbólica, ele não constitui somente uma recorrência transcultural, mas termina por representar o elo de conjunção mais profundo, e enraizado em todo o indivíduo, entre afetividade/produção simbólica e ideologias pessoais.

A concepção antropológica de Freud sobre as origens da cultura e sobre as causas de sua evolução baseia-se na idéia de uma unidade psicológica entre todos os indivíduos humanos nas mais variadas sociedades. Édipo, segundo Freud, é o núcleo primeiro da humanidade, que se manifestou originariamente na história sob a forma de um evento primordial, o assassinato do pai.

A hipotética luta que se trava na horda entre os filhos e o pai pela posse das mulheres, termina, segundo Freud, no parricídio primordial. O sentimento de culpa que disso deriva, juntamente com as sanções e as regras internas ao grupo, relativas à circulação das mulheres, seriam os elementos constitutivos dos dois pilares do pacto social originário, o totemismo e a exogamia: fatores que, sancionando a aliança entre irmãos, assinalariam o surgimento da civilização e da sociedade humana.

O que hoje é herdado pelo indivíduo foi um dia, antes de uma longa série de gerações que o legaram uma à outra, algo de recente aquisição. Também o complexo de Édipo, portanto, pode ter sua história evolutiva, e o estudo da pré-história pode levar à sua descoberta.

A pesquisa parte do pressuposto de que a vida familiar humana teve, em tempos remotíssimos, um caráter bem diverso do que hoje conhecemos, e corrobora essa conjectura através dos estudos relativos aos primitivos nossos contemporâneos.

Se submetermos a uma elaboração psicanalítica esse material pré-histórico e etnológico, chegamos a um resultado preciso e inesperado: que o deus-pai, em dado momento, caminhou na terra em carne e osso, e exerceu a sua soberania como chefe da horda humana primitiva, até o momento em que seus filhos - entrando em coalizão - o mataram. Por causa desse crime libertador surgiram os primitivos vínculos sociais, as restrições morais fundamentais e a mais antiga forma de religião o totemismo". (Sig. Freud, "Prefácio à T. Reik - O Rito Religioso - Estudo Psicanalítico)

Para Freud o totemismo é uma forma particular de organização social e um culto religioso através do qual a humanidade reagiu, numa certa fase de sua evolução, às forças constitutivas do Édipo. A partir dessa ordem social primitiva, erguer-se-iam posteriormente as relações jurídicas, os costumes, a religião, os mitos, os rituais etc.

A partir desse momento instituiu-se a estrutura de sociedade que perdura até hoje, e que aí foi baseada.

A CULTURA VISTA COMO SUBLIMAÇÃO

Segundo o postulado de que o desenvolvimento individual recapitula a evolução da espécie, há uma analogia entre o processo de civilização e a evolução libidinal do indivíduo, com base na equação entre o estágio infantil e estágio selvagem da humanidade, entre maturidade e civilização, de acordo como que nos fala Freud em seu livro Totem e Tabu, semelhanças entre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos (1913).

Na metapsicologia freudiana o Édipo liga-se à hipótese da sexualidade infantil e dos estágios bio-psicológicos correspondentes às experiências pulsionais.

Segundo Freud os fenômenos culturais são homólogos aos processos mentais e redutíveis ao edipiano e podem ser explicados através dos mesmos mecanismos de fixação/regressão a determinadas fases do desenvolvimento libidinal (oral, anal, fálica e genital) por ele colocadas na origem de diversas neuroses

Tema condutor do *Mal-estar na Civilização* (1929) é a idéia de que o papel mais importante no processo de civilização é desempenhado pela repressão social dos instintos e pela sublimação. É essa sublimação - afirma Freud - que pode ser geneticamente relacionada as mais altas atividades mentais (científicas, artísticas e ideológicas) da vida civilizada.

Com os escritos *Delírio e sonhos na "Gradiva"* de W. Jensen (1910); uma recordação de infância de Leonardo DaVinci (1910); *O Moisés* de Michelângelo (1913), ou seja, com as pesquisas sobre arte, a literatura e a linguagem, Freud reforça essa idéia.

Nesses artigos são vistos de que forma se deu o enraizamento das formas da "alta cultura" no dinamismo inconsciente do universo edipiano, enquanto formações de defesa contra ele.

O Inconsciente sede dos instintos orgânicos, tecido de desejos que lutam, para se expressar, em conflito com as forças da consciência moral (temor e culpa), manifesta-se, segundo a psicanálise Freudiana, através de duas vias culturais:

- ou sublima as atividades sob a pressão da adaptação e da consciência moral;
- ou se manifesta de modo mascarado, isto é, através de formas de compromisso capazes de manter inalteradas pulsões subjacentes. Os elementos do folclore fazem parte desse último modo de expressão da libido.

"O material estudado pelo folclore - costumes, crenças ou canções populares - é, sem exceção, o produto de processos dinâmicos: é a expressão das várias necessidades, desejos, aspirações, temores inconscientes da alma popular". (E. Jones, "Psicanálise e Folclore").

Para a Psicanálise, mitos, ritos, crenças e costumes folclóricos têm em comum com os sonhos o mesmo conteúdo latente que se refere ao corpo humano, às suas funções, ou ao núcleo familiar. Formam-se com base nos mesmos processos psíquicos constitutivos dos sintomas neuróticos (censura, condensação, deslocamento, ou elaboração secundária da energia libidinal) e têm o mesmo fim último de satisfazer os desejos recalcados.

Para Levi-Strauss, o tabu do incesto constitui o vínculo originário que une a esfera biológica à social. Essa proibição:

"não é de origem puramente cultural, nem de origem puramente natural, nem tampouco é uma combinação de elementos compósitos: Constitui, ao contrário, o passo fundamental graças ao qual - e sobretudo no qual - realiza-se a passagem da natureza para a cultura". (Levi-Strauss, 1947)

" Tudo o que é universal no homem pertence à ordem da natureza e é caracterizado pela espontaneidade (...). Tudo o que está submetido à uma norma pertence à cultura e apresenta os atributos do relativo e do particular. Encontramos, então, diante de um fato (...) que não está longe de parecer um escândalo: pretendemos nos referir àquele complexo de crenças, costumes, normas, ou instituições que é sumariamente designado com o nome de "proibição do incesto". Com efeito, a proibição do incesto apresenta - sem o mínimo equívoco e indissolivelmente reunidas - duas características nos quais reconhecemos os atributos contraditórios das duas ordens excludentes: ela constitui uma regra que - única dentre todas as regras sociais - possui um caráter de universalidade." (op. cit.)

CONCLUSÃO:

Quando lidamos com o ser humano é imprescindível ter em mente uma visão precisa do homem, como forma de delinear um caminho que nos possibilite visualizar a pessoa que está na nossa frente, de lidar com ela, seja como aluno, como paciente, ou sem vínculo profissional, apenas como nosso próximo.

E sendo esse homem nosso objeto de estudo e trabalho, um ser plural em suas diversas manifestações: biológica, social, emocional, política, econômica, e tantas outras; é muito difícil montarmos esse quadro necessário para sua análise, já que envolve diversas formas diferentes (e às vezes contraditórias) de operar com a realidade.

O homem saudável se define como aquele que é capaz de "amar e trabalhar". Amar num sentido amplo tanto envolve os prazeres das atividades sexuais quanto os da constituição familiar, procriação e preparo ou formação dos descendentes que virão a sucedê-lo.

Trabalhar implica nos derivativos sublimados da sexualidade. De um lado, produzir, seja bens ou cultura, e eternizar sua permanência no mundo, tal qual o faz na constituição da geração seguinte. Cada empresa que se desenvolve, cada produto que é concluído, cada técnica que é desenvolvida, cada colheita obtida simbolicamente correspondem a um produto seu, que permanece, que o serve, que serve ao grupo e que serve à preservação da vida.

De outro lado, o trabalho representa a mobilização dos processos secundários do Ego, é dar ferramental e suporte para que as sublimações se realizem. É permitir que a sexualidade primitiva evolua não só para a sexualidade genital, mas face à plasticidade da libido, evolua, para satisfazer-se em relações produtivas e adequadas à sobrevivência do grupo humano.

Esse estudo de convergências entre a sociologia da cultura e a psicanálise mostra a possível coexistência de meios de trabalho e interpretação da realidade, que apesar de formas distintas de observação e trabalho podem concorrer como conhecimentos afins para uma melhor entendimento do fenômeno humano em sua complexidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Imago. Rio de Janeiro, 1976
 VOL. IX - "*Gradiva*" de Jensen e outros trabalhos (1906-1908).
 VOL. XIII - *Totem e Tabu* e outros trabalhos. (1913-1914).
 VOL. XVII - *Uma neurose infantil* e outros trabalhos (1917-1919)
 VOL. XXI - *O futuro de uma ilusão, O mal-estar da civilização* e outros
 trabalhos (1925-1926).
- LA PLANCHE, . & Pontalis, J. –B. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo:
 Martins
 Fontes, 1986.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Les structures Élémentaires de La Parenté*.
 Paris. Presses Universitaires de France, 1947.
- MICELA, Rosaria. *Antropologia e Psicanálise*. Brasiliense. São Paulo, 1984.
- MIRA Y LOPEZ, Emílio. *Os fundamentos da Psicanálise*. Editora Científica,
 Rio de Janeiro.
- MONDIN, Battista. *Introdução à Filosofia*. Edições Paulinas, São Paulo, 1980.
- WERNECK, Vera. *Pessoa e Educação*. Revista da Universidade Católica de
 Petrópolis - nº 6 - janeiro/abril, 1995.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Paz e Terra, 1992.